

Impasse e desamparo:

na trilha da interpretação

Alba Gomes Guerra e
Glória Carvalho

A interpretação encontra no impasse a sua condição constitutiva. Tal condição mobiliza o desamparo, face à desproteção diante do não-representável e do inatingível objeto da falta.

Este ensaio tem como objetivo trazer para o foco da reflexão o tema da *interpretação*, concebida como processo de produção de significado do fenômeno e que tem no impasse a sua condição constitutiva. Por sua vez, tal impasse foi tratado como sendo uma situação que não oferece saída, portanto, um lugar de não-exclusão dos contrários. Na tentativa de melhor situá-lo no corpo deste trabalho abordaremos, inicialmente, e de modo sucinto, a maneira como este impasse foi tratado, em seu solo próprio de discussão – o da lógica clássica – fazendo-se seguir de algumas considerações sobre a sua abordagem no terreno da lingüística, para somente então, trazê-lo para o campo de primordial interesse aqui, qual seja, o campo psicanalítico.

No solo da lógica, o impasse diz respeito a dois aspectos que são muito caros aos lógicos, sobretudo aqueles inspirados na lógica clássica. São eles: o da *completude* e o da *consistência*. Nesse sentido, a formalização de determinada teoria só será consistente e completa se, e somente se, pudermos atribuir um, e apenas um, valor de verdade a todas as sentenças da teoria, segundo uma determinada interpretação. Conforme Newton Da Costa¹, um primeiro obstáculo logo surgiu em relação a essa completude tão almejada, sobretudo, no campo lógico-matemático. Refere-se ele ao

Alba Gomes Guerra é psicanalista, professora e pesquisadora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Glória Carvalho é professora e pesquisadora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco.

confronto com os paradoxos, uma vez que muitos deles não encontravam solução, de acordo com as ferramentas de que os lógicos dispunham, como foi o caso, por exemplo, do célebre paradoxo do mentiroso, bastante conhecido já desde os povos antigos e que foi assim enunciado: “Epimênides, que é Cretense, afirma que todos os Cretenses mentem”. Em tal formulação, tem-se que: *se a premissa for verdadeira ela é falsa por conta da conclusão; e se falsa é verdadeira. Logo, a premissa é verdadeira se e somente se for falsa, o que constitui um absurdo lógico*. Portanto, o paradoxo clássico do mentiroso feria frontalmente as leis da lógica do pensamento, uma vez que, neste campo, nada poderia ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo.

Não foram poucas as tentativas que até mesmo a matemática empreendeu para resolver os paradoxos, uma vez que deles parecia não se poder escapar. Entretanto, todas as tentativas traziam problemas para o

sem de um círculo vicioso que caracteriza o fechamento de uma linguagem formal sobre si mesma, ou seja, que caracteriza o requisito de completude. Completude que decorreria da suposição de que “todas as proposições são verdadeiras ou falsas”, afirmação esta ilegítima, a não ser que se suponha um sistema prévio completo, o que não é possível, uma vez que as afirmações relativas a “todas as proposições” não são membros do todo.

Essas questões, numa época bastante inicial das investigações em lógica matemática, prenunciaram a existência do *impasse*, que podemos designar como *impasse do todo* e que pode ser assim formulado: *A (suposta) totalidade de um conjunto é gerada por proposições sobre essa totalidade; entretanto, tais proposições, ao mesmo tempo, negam a própria totalidade*. Aí, nesse *impasse*, está incluída uma outra formulação de peso, qual seja: *A totalidade, ou representação, é necessária para a apreensão do não*

todo. Dito de outro modo – o *não todo* é condição para que haja o *todo* mas, ao mesmo tempo esse *todo* é desfeito pelo *não todo*. A título de ilustração vale lembrar o que disse Dilthey sobre a morte, no sentido de que esta constitui uma limitação da existência: “a relação que caracteriza, de modo mais profundo e geral, o sentido do nosso ser é a da vida com a morte, porque a limitação da existência através da morte é decisiva para a compreensão e avaliação da vida”.²

Vale destacar, já neste momento, a grande importância de que se reveste o *impasse do todo*. E vale ressaltar, também, que se o *não-todo* é condição do próprio *todo*, o lugar em que este *todo* se desfaz não está fora do sistema teórico mas, em seu interior mesmo, configurando, então, entre os dois, uma condição de não exclusão. E isto é, essencialmente, o *impasse*.

Segundo o pensamento de Newton Da Costa, este *impasse*, longe de possuir um caráter negativo, produziu efeitos bastante significativos, dando lugar, inclusive, a novos tipos de abordagem na própria ciência lógica.

Trazendo essa questão do *impasse* e de sua relevância para o campo da lingüística, Jean Claude Milner³ – grande teórico francês das ciências da linguagem – admitiu que a língua não poderia atender, ao mesmo tempo, aos requisitos de completude e consistência tratados pela lógica, porque, ao procurar satisfazer o primeiro, o segundo se desfaria e assim, reciprocamente. A isto ele chamou de *impasse da representação lingüística*.

Ao estudar a representação lingüística das frases exclamativas, por exemplo, Jean Claude Milner⁴ concluiu que tal representação não seria completa, a não ser que englobasse a noção de sujeito da enunciação, ou seja, sujeito do inconsciente, noção esta impossível de ser representada ou formaliza-

Se o não-todo é condição do próprio todo,
o lugar em que este todo se
desfaz não pode estar de fora do sistema teórico,
mas em seu interior, configurando,
entre os dois, uma situação de
exclusão – este é o *impasse do todo*.

sistema das formulações teóricas. De acordo com Costa, referindo-se ao pensamento de Bertrand Russell, é como se os paradoxos decorres-

todo (não todo este que corresponde ao equívoco, ao impossível e ao real lacaniano) e, ao mesmo tempo, esta totalidade é negada por este não

da. Em outras palavras, a frase exclamativa, segundo as idéias de Milner, supõe um estado emocional de surpresa, que se expressa graficamente num ponto de exclamação, mas que não é representado no enunciado da frase. De acordo com esse autor, o impasse da língua pode ser formulado nos seguintes termos: *é a própria língua que não pode ser percorrida totalmente, senão a despeito de um ponto que a desfaz como totalidade*. Retomando o que foi posto acima sobre a frase exclamativa e segundo tal impasse formulado nos termos de Milner, dir-se-ia que, se por acaso a vivência de surpresa fosse intercalada no enunciado da frase, o todo seria desfeito e o próprio enunciado seria outro e não mais aquele, havendo, portanto, uma ruptura desse todo. Esse ponto de ruptura Milner o localiza no equívoco, entendido este como a possibilidade de um enunciado tornar-se outro. A isto ele chamou de ponto de cessação do todo, todo esse que é o imaginário lingüístico. E assim estaria, para Milner, configurado o impasse e, com ele, caracterizados a representação (totalidade) e o equívoco (não todo), em sua inexorável condição de não excludentes.

Na lógica da clínica

Sumariamente, posto o impasse no campo da lógica e da lingüística, procuraremos agora situá-lo, de modo também sucinto, no campo da psicanálise, restringindo-nos às idéias de Juan-David Nasio. Para ele, o impasse poderia ser assim formulado: *o impossível ou falta lacaniana seria aquilo que, ao mesmo tempo em que é excluído da demonstração, determina a própria demonstração*. E em lugar de rejeitar este impossível, por ser indemonstrável, a psicanálise o conserva como determinante de seu discurso, evitando assim o plano da

bipolaridade. Neste sentido, a demonstração somente seria possível em virtude de uma *falta* (impossível) que, entretanto, desfaz esta demonstração. E isto, por sua vez, somente poderia ocorrer mediante o deslocamento do analista para o lugar de pesquisador, quando então poderia refletir sobre o impasse da interpretação no *setting*. Coloca, portanto, Nasio: “não apenas o real depende de uma seqüência necessária (ou demonstração) para que

emerge ou se produz, enquanto elemento contraditório. E, ao produzir este elemento contraditório, o próprio todo se desfaz. Desfaz-se, portanto, a interpretação, assim configurando-se o impasse também na interpretação psicanalítica.

Até aqui foi posto, minimamente, o que julgamos elucidativo como contexto para o nosso objetivo neste trabalho, qual seja: o de refletir sobre o impasse na interpretação psicanalítica à luz de um caso clínico-

Em lugar de rejeitar o impossível – ou a falta lacaniana – por ser indemonstrável, a psicanálise o conserva como determinante do discurso, evitando assim a bipolaridade.

o produza como elemento contraditório, mas, por sua vez, ele a suporta e garante a consistência da ordem repetitiva. Pois, sem ser demonstrável, o real está no horizonte da demonstração e, portanto, sustenta-a em sua necessidade lógica. O que há a se demonstrar, ainda inexistente, condiciona a ordem repetitiva da demonstração”.⁵

Segundo Nasio, para ter realidade, o impossível – ou real lacaniano, ou o não todo da lógica – exige demonstração, a qual nada mais é que o todo da lógica ou os postulados da ciência. É justamente nesta demonstração que o real

co de Nasio⁶. Seguem-se apenas alguns fragmentos do caso, sobretudo aqueles considerados relevantes para o objetivo aqui proposto. Tal caso pareceu-nos ser uma das muitas histórias clínicas que dão visibilidade ao impasse da interpretação analítica, além de permitir confrontá-la com outros tipos de interpretação. Trata-se, como já mencionado, de uma cliente de Juan-David Nasio.

Clémence é uma mulher de trinta e oito anos, que sofria de esterilidade e lutava para tornar-se mãe.

Certo dia, já com uns três anos de análise, comunica ao analista

que havia engravidado, o que faz com a seguinte expressão: “conseguimos!”. Percebe assim, o analista, que também ele tinha lugar no desejo de Clémence e compartilhou da sua luta e agora da sua felicidade pela conquista. Foram nove meses de elaboração da idéia e de

graça que vivera. Agarrava-se, apenas, às imagens do filho vivo e às insistentes indagações:

- de que ele morreu?
- por que e como ele morreu?
- por que aconteceu comigo?

Esta situação durou alguns meses até que Clémence retomou a

mão ou irmã de Laurent! Tenho a impressão de que um enorme peso foi tirado de mim”. O analista, de imediato, lhe comunica uma outra idéia que lhe passa à cabeça: “onde quer que Laurent se encontre agora, estou certo de que ele ficaria feliz de saber que um dia você lhe dará um irmãozinho ou irmãzinha”. Numa reflexão *a posteriori*, o analista se deu conta de que, naquele momento, havia ele expressado espontaneamente, o essencial do luto, isto é, de que “a dor se acalma se a pessoa enlutada admitir que, o amor por um novo eleito vivo nunca abolirá o amor pelo desaparecido”. Para ele, Clémence parecia poder retomar o interesse pela vida, sem medo de rupturas psíquicas, atribuindo um valor simbólico à dor desta separação, a qual seria no inconsciente ligada às outras separações já vividas.

Ressaltaremos, a seguir, alguns aspectos das diversas interpretações contidas no texto e produzidas – a partir dos dados da história clínica de Clémence – porque tais aspectos nos pareceram expressões do impasse, segundo a concepção de Nasio, impasse este do qual os intérpretes do caso parecem não ter podido escapar.

Sendo o impasse, como já dito anteriormente, uma situação que não oferece saída, isto é, uma situação de não exclusão dos contrários, tentaremos destacar alguns dos seus movimentos, que pareceram dar visibilidade à mudança nele operada, em função das diferentes situações, quais sejam:

- a interpretação produzida pelas “pessoas em geral”, isto é, aquelas do contexto de Clémence;
- a interpretação produzida pelo seu analista no *setting*;
- a interpretação do analista produzida posteriormente, enquanto refletindo sobre o caso. Todas estas interpretações inferidas do texto de Nasio, aqui citado.

A interpretação das “pessoas

O impasse é uma situação que não oferece saída, uma situação de não exclusão dos contrários – qualquer tentativa de exclusão de um dos pólos implicaria na negação do outro.

preparação para a maternidade.

No dia em que deu à luz, telefonou radiante para o analista, comunicando ser mãe de um menino maravilhoso, chamado Laurent. Do analista recebeu uma calorosa acolhida.

Três dias depois, liga outra vez para comunicar que, sem que se saiba de que, o filho morreu no berçário, no meio da noite, enquanto ela dormia. Outra vez o analista compartilha intensamente da sua emoção e diz: “não é possível! É um absurdo”.

Clémence passa certo tempo afastada do analista, que vê nesse afastamento a freqüente recusa dos que sofrem, em encontrar com aqueles que antes compartilhavam dos seus projetos e sonhos.

No entanto, Clémence volta esgotada e transformada pela des-

sua posição no divã e começou, verdadeiramente, o seu trabalho de luto, a partir, sobretudo, de uma sessão determinante.

Clémence tinha horror às palavras de consolo que os demais lhe dirigiam, como por exemplo: “pense em uma nova gravidez. Não se atormente! Você ainda tem tempo. Tenha outro filho e verá que vai esquecer!”.

Somente oito meses depois do falecimento, o analista consegue interferir na sessão, na tal sessão determinante, de uma maneira que se revelou decisiva, embora para ele colocada de forma quase mecânica. Diz: “porque, se nascer um segundo filho, quero dizer um irmão ou irmã de Laurent...”

Antes de terminar a intervenção Clémence exclama surpreendida: “É a primeira vez que ouço dizer ‘o ir-

em geral”, ao expressar conselhos, pareceu-nos apontar no sentido de que a melhor maneira para Clémence suportar a dor da perda do filho seria apelar para o esquecimento do objeto perdido, tentando substituí-lo por outro.

A interpretação do seu analista, ao contrário, apontava para a possibilidade de vir ela a metabolizar a dor através da continuidade das realizações da vida - no caso - procurando conceber um irmão para o filho morto. Isso teve para Clémence um efeito apaziguador e teve, sobretudo, a força de iniciá-la no essencial do seu processo de luto.

As “pessoas em geral” sugeriam, nas suas veladas interpretações, que não seria possível a Clémence continuar com projetos de vida, sem antes apagar ou negar, pelo esquecimento, o que fora perdido. E esta postura interpretativa apontaria para um movimento no sentido da sedução da harmonia, conceito que explicitaremos a seguir, e, portanto, da negação ou da evitação, ou não confrontação, com o impasse.

O analista, diferentemente, porque sem pretensão de escamotear o impasse, e movido pelo desejo de favorecer o luto, formula a sua interpretação pela via da acentuação da vida. Por este caminho, o luto a ser feito não diria respeito apenas à morte, porém, à junção entre morte e vida. Quer dizer, pelo destaque de que qualquer tentativa de exclusão de um dos pólos implicaria a negação da própria experiência de luto. Portanto, para se constituir a representação da morte (luto), seria preciso abarcar a vida, o que desfaria a própria representação da morte. E aí estaria o impasse. Este, ao mobilizar opostos e com o caráter de inseparabilidade, mobilizaria também as desconfortáveis e, por isso mesmo temidas, experiências de incompletude, impotência e desamparo, as quais ten-

deriam a suscitar o desejo de “retorno” ao todo. Daí, a força do que Lacan chamou de sedução do significado e que, neste trabalho, designaremos por sedução da harmonia ou do todo.

Entre o impasse e a harmonia

A noção da sedução da harmonia baseia-se na concepção filosófica de harmonia preestabelecida de Leibniz. Para ele, o mundo se comporia de certas substâncias espirituais, às quais deu o nome de mônadas, isto é, sistemas fechados,

desígnio de Deus. Esta idéia passou, de tal modo, para o pensamento ocidental, que harmonia veio a ser considerada como a resultante de coisas separadas, às vezes opostas, mas que entrariam num acordo entre si, ou seja, se juntariam por uma relação de complementaridade. Isto porque, mesmo sendo distintas entre si, ou até mesmo opostas, tais coisas teriam, contudo, o poder de se corrigirem reciprocamente, para se integrarem na descrição de um fenômeno. Este movimento de integração sinalizaria para o que estamos chamando de “sedução da harmonia”; sedução esta a que

Ao mobilizar opostos
com caráter de inseparabilidade,
pode-se mobilizar também experiências de
incompletude, impotência e desamparo,
que tenderiam a suscitar o desejo de “retorno”
ao todo - é esta a sedução da harmonia.

os quais não poderiam influenciar-se reciprocamente, sendo cada um, portanto, fechado em si mesmo, e assim, sem que houvesse qualquer tipo de influência recíproca salvo aquelas influências preestabelecidas pelo Deus que os criara. E seria exatamente nesta junção que se efetivaria a harmonia. Graças a esta harmonia preestabelecida, os pontos de vista de cada mônada sobre o universo concordariam entre si. Para Leibniz, harmonia nada mais seria, portanto, que a concordância das mônadas entre si, por

o ser humano se encontra exposto e que funcionaria como meio, embora ilusório, para livrá-lo do confronto com o impasse.

Parece que, mesmo quando não se tem como exigência escamotear o impasse, mas assumi-lo como condição essencial da interpretação, não há garantia de que tal posição tenha êxito. Observe-se, por exemplo, o texto de Laplanche, “A psicanálise como anti-hermenêutica”⁷, onde, ao formular pertinentes críticas à hermenêutica - sobretudo em referência às idéias de Paul Ricoeur,

as quais visariam a um sentido prévio para os fenômenos – o autor parece não conseguir manter tal postura até o fim.

No referido artigo, Laplanche critica o movimento de síntese, preconizado pela abordagem hermenêutica de Ricoeur, sobre a interpretação psicanalítica, no sentido de que, segundo esta postura, “não haveria interpretação sem código, ou sem chave de tradução”. Critica também, com muita propriedade, o binarismo sobre o qual o mundo moderno está inteiramente fundado. Fala deste binarismo justamente quando aponta para a síntese, para o pensamento codificado, como aquilo que vem calar as associações. Nessa direção, menciona várias outras civilizações, cujos mitos fundadores não são binários, mas plurais, no sentido de aceitarem a ambivalência. Para Laplanche, a situação e o método analíticos lembram sempre a heterogeneidade do inconsciente, em relação a todo e qualquer sistema. Mais adiante no artigo, ele coloca a síntese do lado do analisando, como se fosse sua “aspiração inextinguível”. Por outro lado, caberia, segundo ele, à interpretação do analista, em sua heterogeneidade, dissolver tal aspiração à síntese, uma vez que esta faria calar o inconsciente. Assim, o método analítico seria, necessariamente, “desligante, desconstrutivo”. E, quando no seu percurso tal método reconstitui, seria para impulsionar na perseguição das pistas inconscientes.

Mesmo que Laplanche esteja aí enfatizando o que há de mais essencial no método psicanalítico, no sentido da não pré-fixação de sentidos estabelecidos, ele parte, contudo, de uma visão teórica em que opõe a síntese à sua dissolução, ou seja, opõe a síntese à heterogeneidade da interpretação. Pressupõe, então, um modelo explicativo essencialmente binário, onde síntese e heterogeneidade de sentidos

se constituem em coisas distintas, separadas. Ou ainda, a síntese interpretativa se contraporía à heterogeneidade dissolvente de significados. Fica claro que Laplanche fala de um lugar onde esses dois pólos existiriam de modo separado, cabendo à psicanálise optar pelo pólo que lhe fosse mais adequado. É como se Laplanche resvalasse na armadilha da harmonia, ao produzir uma separação de pólos. É de se indagar: por que teria ele resvalado nesta armadilha, se denunciou, tão incisivamente, a separação de pólos na postura assumida pela hermenêutica de Paul Ricoeur?!

divisão que não significa, contudo, exclusão. E é justamente isto o que caracteriza o impasse.

Retomando sumariamente as idéias centrais desta comunicação, reafirmaríamos que, do ponto de vista da clínica, a sedução da harmonia, ou seja, o movimento no sentido da síntese, nada mais seria que um movimento do par analítico, na direção de evitar o confronto com o impasse.

Numa visão diferente, Laplanche parece, em seu artigo, colocar a sedução da síntese do lado do analisando. Na situação transferencial, este tentaria traduzir o enigma re-

Do ponto de vista da clínica,
a sedução da harmonia,
o movimento da síntese, nada mais seria
que um movimento do par analítico na direção de
evitar o confronto com o impasse.

Talvez, somente a consideração da “sedução da harmonia” pudesse sinalizar para um caminho aberto por esta questão.

Na concepção de *impasse* assumida neste trabalho, a relação síntese versus heterogeneidade não é, *apenas*, de coisas separadas, em que uma desfaz a outra. Trata-se de uma relação de impasse, em que uma só pode existir em virtude da outra, havendo uma

presentado pelo analista, num esforço de integrá-lo numa síntese. Deste modo, reafirma-se, Laplanche sinaliza para dois pólos: um representado pelo movimento para a síntese (vindo do analisando) e o outro representado pelo enigma (que seria o próprio analista). Tais pólos se integrariam, predominantemente, do lado do analisando. Por esta leitura que fizemos do texto laplanchiano, o autor, ao refletir

sobre a clínica, parece haver resvalado, como já dito, na sedução da harmonia.

Entretanto, à luz da nossa releitura do tema, diríamos que: o movimento de síntese e a heterogeneidade do enigma não poderiam se constituir como dois pólos, na situação analítica, por conta da própria transferência, na qual estão implicados analista e analisando. E essa indissolubilidade também se faria presente, com grande força do lado do analista, isto é, este também estaria igualmente subme-

apontando, portanto, seria para um lugar do impasse que resgatasse a própria teoria “da” e “na” clínica e não apenas no *a posteriori*. Resgate este que evitaria o movimento anti-psicanalítico de totalização na clínica, ao mesmo tempo em que favoreceria a discussão do estatuto da teoria no *setting*.

Indaga-se ainda: poder-se-ia dar ao impasse um lugar de realce, no campo psicanalítico, apenas por ser ele um constitutivo das formações do inconsciente e, portanto, da própria língua?

história de Clémence e focalizando as interpretações das “pessoas em geral” diante da sua dor pela perda do filho, admitimos que esta interpretação apelaria para uma unidade ou um todo, todo este que seria constituído pela morte, ou seja, pelo filho morto. Este seria excluído por um outro todo que seria a vida, ou seja, a concepção de um outro filho. Fala-se, assim, de uma unidade ilusória. Ilusória porque, para que a interpretação da morte seja *toda*, isto é, unitária, teria que abarcar a vida, portanto o seu oposto. Mas, ao fazê-lo, o todo se desfaria, porque para ser todo não poderia comportar a convivência de opostos. E isto, reafirma-se, seria o próprio impasse, como tal, algo de muito essencial ao campo psicanalítico, enquanto favorecedor da interpretação que não fecha num sentido, ou num efeito de significado, mas, ao contrário, abre-se pelo efeito de significante. O efeito de significante é o que implica em quebrar o movimento de totalização, tornando os pólos inseparáveis. Aqui valeria a pena trazer à cena a este respeito, algumas das idéias de Saussure, na sua teoria sobre o signo, para que não se conclua que estamos pregando uma volta a ele, em detrimento dos avanços obtidos por Lacan, enquanto Saussure afirmava que significante e significado se associam de modo inseparável. Para melhor ilustrar tal idéia, serviu-se Saussure da metáfora da folha de papel, onde o significante era o verso e o significado o averso. Portanto, rasgando-se um, necessariamente se estaria rasgando o outro. E assim, afirmou Saussure: “a língua é comparável a uma folha de papel: o pensamento é o averso e o som, o verso; não se pode cortar um, sem cortar, ao mesmo tempo, o outro”.⁸

A esta altura, parece claro que Saussure defendeu a inseparabilidade, enquanto Lacan se opôs, preconizando a separabilidade.

O impasse é essencial ao campo analítico enquanto favorecedor de uma interpretação que não fecha num sentido, ou num efeito de significado, mas abre-se no efeito do significante, quebrando o movimento de totalização.

tido a um movimento de síntese, movimento não dissociado da heterogeneidade do significante, porque numa relação de impasse, o que, por sua vez, mobilizaria o analista no sentido de não sucumbir a este movimento de síntese. De grande relevância seria, portanto, a natureza do confronto com o impasse, no momento de reflexão sobre a clínica, pois esta reflexão serviria para interromper qualquer movimento de síntese ou de totalização, ao mesmo tempo em que faria com que teoria e clínica se mantivessem. O que se estaria

Acreditamos que não. O seu lugar de realce teria que ser construído, considerando, no impasse da lingüística, um papel heurístico para a interpretação psicanalítica, onde se procurasse tornar visível a diferença contida numa mesma unidade. Quer dizer, evitando-se o movimento de separação de partes inseparáveis da unidade.

Vejamos agora, numa outra leitura, referenciada na lingüística, no que esta diz respeito ao impasse, as interpretações do caso clínico de Nasio, aqui apresentado.

Retomando os fragmentos da

Neste trabalho, vale explicitar, não estamos nos opondo a Lacan e voltando a Saussure, quando admitimos a inseparabilidade entre significante e significado. Isto porque assim o fazemos com o apoio da lingüística enquanto suporte para defender a inseparabilidade; porém aquela inseparabilidade que se dá no impasse – condição da língua e, conseqüentemente, como diz Lacan, condição do inconsciente. Em outras palavras, os dois pólos permanecem, inseparáveis, não excludentes, unidos, embora numa relação de impasse. São eles inseparáveis, mas, esta inseparabilidade não representa uma junção

em falso”, deixou de articular-se apenas ao significado mancar, ligando-se também a temas de sedução. E, assim, com tal desestabilização, pôde Dora se beneficiar da abertura para o campo inconsciente, jogando-se na cadeia associativa. E foi justamente esta desestabilização que deu possibilidade a seu discurso de abrir-se para a sua fantasia de sedução. Para finalizar, e conforme o ângulo de análise que seguimos na leitura do texto laplancheiano, diríamos que, enquanto ali o autor teria separado os dois pólos, colocando do lado do analisando a demanda pela síntese e do lado do analista o papel de

significante “mau passo”, ou seja, a junção entre os seus dois sentidos (“mau passo” em virtude da lesão, vivida por Dora, como orgânica, e “mau passo” enquanto simbolizando um investimento pulsional interdito), o que impossibilitou a síntese na interpretação do analista. Este lugar de destaque do impasse na clínica teve aqui um papel heurístico para a teoria, uma vez que impediu que, no caso, a teoria da sedução se fechasse nela mesma e que, dali em diante, toda histérica fosse uma réplica de Dora. Nesta perspectiva, o equívoco ou real lacaniano, por sua marca de impasse, suscitaria o desamparo concebido como uma vivência de horror face à inexistência de instâncias de proteção diante do não representável e do inatingível objeto da falta. ■

Admitimos que a inseparabilidade entre significante e significado se dá no impasse, é condição da língua, do inconsciente; mas se unem pela dissolubilidade, na medida em que um desestabiliza o outro.

na busca de formação de uma totalidade harmônica. Neste trabalho, admitimos que eles se unem pela dissolubilidade, ou seja, eles se unem na medida em que um “quebra” o outro, ou ainda, na medida em que o significante desestabiliza o significado. Isto é vivido no dia a dia do *setting* analítico, a exemplo de Freud, no caso Dora. Ali, ocorreu, por exemplo, quando o significante “mau passo, ou passo

desconstrutor desta síntese, diferentemente em Freud, no caso Dora, por exemplo, ele teria tratado estes dois movimentos na forma de impasse, portanto fazendo parte da interpretação do analista. Quer dizer, ao destacar, no significante “mau passo”, o significado ligado à fantasia de sedução, teria Freud atendido ao movimento de totalização. No entanto, foi justamente essa equivocidade do

NOTAS

1. N. Da Costa, *Ensaio sobre os fundamentos da lógica*, São Paulo, Hucitec, 1980.
2. N. Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, São Paulo, Mestre Jou, 1982, p. 654.
3. J. C. Milner, *O Amor da Língua*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
4. J. C. Milner, *De la syntaxe à l'interprétation*, Paris, Editions du Seuil, 1978.
5. J. D. Nasio, *A Criança Magnífica da Psicanálise: o conceito de sujeito e objeto na teoria de Jacques Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988, p. 144.
6. J. D. Nasio, *O livro da dor e do amor*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1997.
7. J. Laplanche, (1995) “A Psicanálise como Anti-Hermenêutica”, *Psicanalítica* nº 03, Recife, 1995, p. 71-84.
8. F. de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, São Paulo, Cultrix Ed., 1989, p. 131.